



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



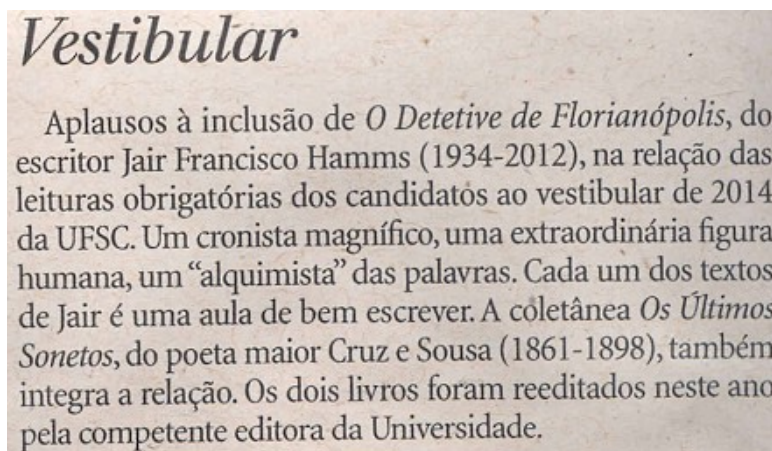
**UFSC NA MÍDIA – CLIPPING
02, 03 e 04 de março de 2013**

Diário Catarinense

Caderno Cultura

“Vestibular”

Livro *O Detetive de Florianópolis* / Jair Francisco Hamms / Vestibular 2014 da UFSC / Coletânea *Os Últimos Sonetos* / Cruz e Sousa / Editora da UFSC



Diário Catarinense

Marcos Espíndola

“Ecos catarinenses”

Literatura catarinense / Vestibular de Inverno da Udesc / Livro *Geração do Deserto* / Guido Wilmar Sassi / Livro *Ecos do Porão – Vol. II* / Silveira de Souza / Editora da UFSC / Livro *O Detetive de Florianópolis* / Jair Francisco Hamms / Coletânea *Os Últimos Sonetos* / Cruz e Sousa / Vestibular da UFSC



A Notícia

Portal

“Os planos”

Novo Diretor do campus da UFSC em Joinville / Luís Fernando Peres Kalil

Os planos

A aproximação com as indústrias e a implantação da pós-graduação são duas das metas de Luís Fernando Peres Calil, novo diretor do campus da UFSC em Joinville (a posse foi ontem). A universidade tem 1.270 alunos na cidade. As aulas no campus da BR-101 começam no segundo semestre de 2014.

A Notícia

Portal

“Há vagas”

Concurso para a UFSC / Vagas para Joinville

Há vagas

No concurso com 205 vagas para a UFSC, ainda na fase de inscrição, 58 são para Joinville. Entre as várias áreas de conhecimento exigidas, estão projetos de navios e de sistemas oceânicos, estruturas aeroespaciais e dinâmica de voo. Informações do concurso estão em segesp.ufsc.br/concursos.

Cultura

DIÁRIO CATARINENSE

SÁBADO, 2 DE MARÇO DE 2013

(48) 3216-3591 - E-mail: variedades@diario.com.br Diagramação: Fernando Ferrary

STRAVINSKI sonhou com um "ritual solene", que, do estranhamento inicial, deu novo parâmetro à música

Um sonho PAGÃO

A Sagração da Primavera, obra-prima do maestro e pianista Igor Stravinski, completa um século e continua impressionando por sua sofisticação e complexidade



DIRCE WALTRICK DO AMARANTE *

No dia 29 de maio de 1913, no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, o Ballets Russes, de Serguei Diaghilev, fez uma apresentação de gala para uma plateia requintada e desconfiada dos métodos do seu diretor. No programa daquele dia constava a estreia do balé *A Sagração da Primavera*, do compositor russo Igor Stravinski, com coreografia de Vaslav Nijinski. O próprio Diaghilev sabia que, depois da estreia de *Pierrot Lunaire*, de Arnold Schönberg, sete meses antes, num cabaré em Berlim, *A Sagração* seria "um novo frisson que sem dúvida inspirará debates acalorados".

A apresentação teve um início tranquilo com *As Sinfões*, de Chopin. Depois de uma pausa, o público assistiu em silêncio à seção de abertura de *Sagração*. Aos poucos, o silêncio foi sendo substituído por assovios

e por gritos, à medida que a densidade e a dissonância da música cresciam, como lembra Alex Ross.

A Sagração da Primavera é composta de duas partes. A primeira, intitulada *Dança da Terra*, termina de modo entusiasmado e festivo; já a segunda, a *Dança do Sacrifício*, é mais árida, oscilando, segundo Ross, entre "a languidez e a violência".

A segunda parte é a mais radical da *Sagração* e começa emitindo um rangido desarmônico, e o acorde se repete por cerca de 200 vezes. Até mesmo Diaghilev teria estranhado essas repetições: "Vai continuar assim por muito tempo?", perguntou a Stravinski, que lhe respondeu: "Até o fim, meu caro."

A plateia reagiu negativamente não só à partitura da *Sagração* como também à coreografia de Nijinski, "uma criação excessivamente rebuscada e estéril", como afirmou o próprio Stravinski, surpreso com o que viu. Nijinski havia trocado o gestual clássico por uma quase anarquia: "Os dançarinos tremiam, sacudiam-se, agitavam-se, sapateavam; davam saltos rudes e violentos e giravam pelo palco numa selvagem dança de roda eslava", descreveu o historiador Lynn Garafola.

Para Otto Maria Carpeaux, a estreia da

Sagração foi um escândalo quase sem par na história da música. Foi o batismo de fogo da nova música, mas logo se transformou num imenso sucesso, pois os ouvintes parisienses perceberam que a linguagem da *Sagração* não estava tão distante deles: ela era composta de canções folclóricas de melodia singela e acordes comuns, mas em camadas conflitantes. A confusão inicial, ao cabo de alguns dias, se transformou em prazer, e as vaias, em aplausos.

De fato, como percebeu Bela Bartók, muitas das características da *Sagração* remetem à música do folclore russo e da Europa Oriental. Stravinski dizia que *A Sagração da Primavera* era uma "espécie de apoteose da música russa", uma grande fusão entre sons nacionais e modernos.

Tendo recolhido as melodias folclóricas russas, Stravinski "se dedicou a pulverizá-las em fragmentos temáticos, juntá-las em camadas e rearranjá-las em colagens e montagens cubistas". Porém, como lembra Taruskin, esses mesmos ritmos irregulares eram também uma característica tradicional da música folclórica russa.

Naquela época, um grupo de compositores europeus, entre eles Stravinski, se dedicava às canções folclóricas e a outros "resquícios" musicais da vida pré-urbana, na tentativa de

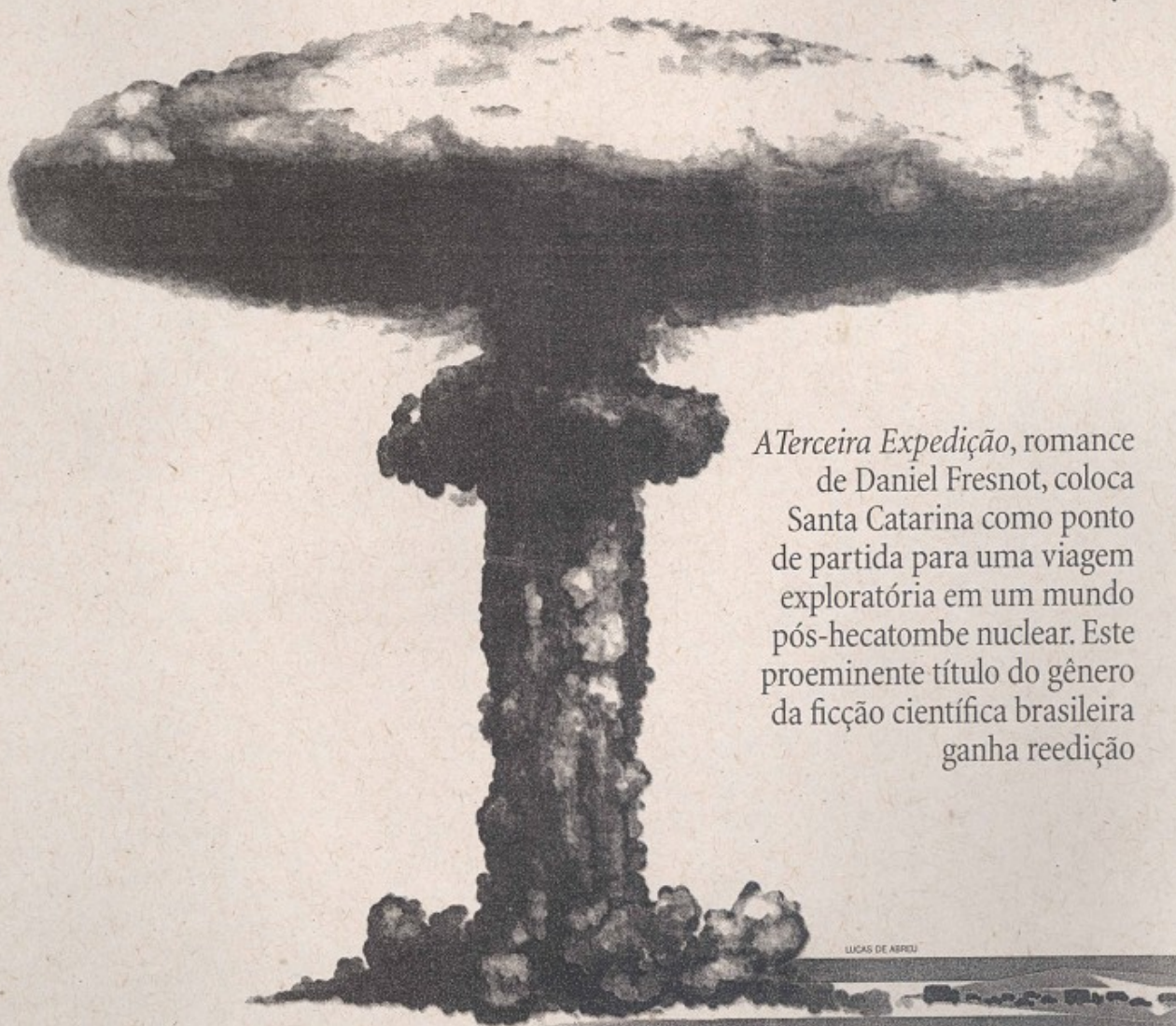
se desvincilarem do refinamento das cidades e de se livrarem também das influências dos compositores germânicos, como afirma Otto Maria Carpeaux.

A ideia do enredo da *Sagração* foi do próprio Stravinski, que teria sonhado com "um solene ritual pagão: os velhos sábios sentados em círculo observavam a dança de uma jovem que será sacrificada para tornar propício o deus da primavera".

A obra de Stravinski, ressalta Carpeaux, parece ligada ao estado de espírito de 1913, às vésperas das grandes catástrofes e quando as sociedades supostamente civilizadas escolhiam seus bodes expiatórios: "A população das cidades russas promovia pogroms contra os judeus, americanos brancos linchavam jovens negros [...]". Segundo Ross, "contra esse pano de fundo, os ruídos urbanos na partitura de Stravinski – sons como o bombar de pistões, apitos silvando, as pisadas da multidão – sugerem uma cidade sofisticada passando por uma regressão atávica". Nada mais atual ainda hoje. A temporada de 2013 da Oesp (São Paulo), que começou no dia 28 de fevereiro, dedicará o ano para homenagear a obra-prima.

* Professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

O apocalipse em Barra Velha



A Terceira Expedição, romance de Daniel Fresnot, coloca Santa Catarina como ponto de partida para uma viagem exploratória em um mundo pós-hecatombe nuclear. Este proeminente título do gênero da ficção científica brasileira ganha reedição

DORVA REZENDE *

Como previra o capitão Dino Fontana, o holocausto nuclear chegou um dia sem aviso, matando três quartos da população global e reduzindo a cinzas todas as principais cidades do planeta. No Brasil, a única capital a escapar do fogo foi Florianópolis, mas a Ilha acabou por sucumbir aos maremotos que se seguiram ao desastre atômico.

Santa Catarina foi o único Estado onde a vida humana conseguiu se reorganizar – de forma precária, inicialmente –, em comunidades espalhadas ao longo da nova costa formada desde as cercanias de Tubarão, passando pelo continente próximo à antiga Florianópolis, subindo por Itajaí até Barra Velha e, um pouco mais para o interior, em lugares como Massaranduba, São João do Itaperiú, Luis Alves, Rio dos Cedros, Ilhota, Brusque, Nova Trento, Rio do Sul e Ituporanga.

O relato de como essas pessoas conseguiram sobreviver ao inverno nuclear, empreender uma viagem exploratória pelo que sobrou do Sul e Sudeste e, muitos anos depois, começar a repovoar a Amazônia e o Norte do país é contado de forma magistral por um escritor franco-brasileiro que tem, agora, a sua obra devidamente reeditada.

Publicado originalmente em 1987, pela finada editora Marco Zero, o romance *A Terceira Expedição*, de Daniel Fresnot, acaba de ganhar uma nova edição pela Devir, dentro do selo Estação Central, que se destina ao resgate de obras importantes no cenário da literatura nacional. Irmão mais velho do cineasta Alain Fresnot (*Ed Mort*, *Desmando* e *Família vende Tudo*, entre outros), Daniel nasceu em Paris, em 1948, e veio para o Brasil com a família quando tinha 10 anos.

Em 1968, quando estudava na Universidade de São Paulo, participou dos



movimentos de resistência à ditadura militar e, perseguido pela repressão, teve que se refugiar na França, onde se graduou em Letras pela Sorbonne. Foi professor de literatura em Frankfurt antes de retornar ao Brasil, em 1981, com a abertura política. É autor, também, de *O Pensamento Político de Erico Verissimo* (ensaio), *Três Continentes* (poesia) e *O Cerco de Nova Iorque* (contos). Neste mês, ele estará em Barra Velha para um segundo lançamento do livro (o primeiro foi na última quinta-feira, dia 21, em São Paulo).

O capitão Dino Fontana nada tinha de militar. Era um industrial nascido na Itália, radicado em São Paulo, que decidiu abrir uma fábrica em Barra Velha, para onde se mudou com a família. Nos 12 meses de escuridão que se seguiram à hecatombe, a sua fábrica e os grandes tubos de cimento do sistema de esgoto que estava implantando na cidade serviram de abrigo aos sobreviventes de Barra Velha. Os ratos eram os grandes inimigos, mas também a principal fonte de proteínas de uma população que muitas vezes só tinha uma grama rala para se alimentar. Quando, enfim, a primavera e a luz se sobrepuseram ao inverno nuclear, foi possível plantar hortas comunitárias e retomar a vida.

Uma das primeiras providências de Dino Fontana, um líder nato, que por

isso passou a ser chamado de capitão pelo povo mais simples, foi juntar um grupo de homens e abrir uma picada até a devastada cidade de Massaranduba, distante 36 quilômetros. De lá, seguiram até Guaramirim, onde descobriram muita gasolina, álcool e diesel em uma estação abandonada da Petrobras. Com esse combustível, mais do que suficiente para os 34 veículos que conseguiram reunir (entre jipes, tratores, caminhões-baús), foi possível organizar a primeira expedição para Curitiba e São Paulo, que partiu cinco meses depois, seguindo o trajeto da antiga federal, mas procurando evitar Joinville, perdida para a radiação.

Enfrentando toda uma série de dificuldades, como reconstruir pontes desabadas e lidar com pessoas que sofriam com os efeitos das bombas atômicas, a primeira expedição cruzou a divisa com o Paraná e alcançou São José dos Pinhais, onde foi achado material cirúrgico e odontológico, que foi enviado de volta à agora chamada Barra Nova. Metade do comboio prosseguiu adiante, mas não conseguiu entrar em Curitiba devido aos níveis de radiação. O jeito foi contornar na direção oeste, voltar até Mandrituba e dali seguir em direção a Campo Largo e Ponta Grossa, mas o ritmo lento da viagem acabou por consumir quase todos os alimentos que trouxeram, e eles só alcançaram Vila Velha quando decidiram retornar.

A segunda expedição só aconteceu um ano depois e também não logrou o objetivo de chegar até São Paulo, onde Dino queria buscar a biblioteca que ficara na sua antiga casa no Bairro do Sumaré. Mas chegou perto, retomando o trajeto até Ponta Grossa e seguindo em direção a São Paulo pela antiga rodovia 151 até a divisa sobre o Rio Itararé, passando depois por Itapetininga, Sorocaba e Itu, pela Castelo Branco, e alcançando Santana do Parnaíba. Mas, ao tentarem atravessar o Rio Tietê, cujas pontes estavam em precárias condições, os homens que entraram em

contato com as águas contaminadas adoeceram e, logo depois, morreram. Com poucos recursos e muitos outros doentes, a segunda expedição precisou ser abortada a apenas 30 quilômetros da Praça da Sé.

Alguns anos se passaram antes que fosse empreendida a terceira e derradeira expedição a São Paulo. Nesse tempo, os sobreviventes criaram seus filhos, reconstruíram suas casas e cidades, fundaram novas colônias (Massaranduba foi repovoada, mas Guaramirim, pela proximidade com Jaraguá do Sul, ainda sob intensa radiação, permaneceu desabitada). Pelo rádio, estabeleceram contato com sobreviventes no Peru e na Bolívia. A chegada de um grupo vindo do que sobrou de Florianópolis engrossou o contingente dos expedicionários, que partiram para a capital paulista com cem veículos e bem mais preparado do que nas vezes anteriores.

O caminho até Santana do Parnaíba já era conhecido e foi refeito, mas, ao se aproximarem da megalópole em ruínas, o comboio liderado por Dino Fontana se deparou com um inimigo inesperado. Perto da Serra da Cantareira, vândalos que viviam da pilhagem do que restou de São Paulo, fortemente armados, atacaram os catarinenses e a batalha com os expedicionários seguiu cidade adentro. No trecho final do romance, Fresnot descreve a luta feroz entre os dois grupos num ritmo comparável ao dos melhores relatos de guerrilha urbana. Não cabe, aqui, relatar o que acontece nas últimas páginas, mas apenas garantir que *A Terceira Expedição* é o livro de ficção científica que dignifica a produção do gênero escrita no Brasil. O que não é pouca coisa.

A Terceira Expedição, Daniel Fresnot (Devir Livraria e Editora). 192 págs. R\$ 28,50

* Dorva Rezende é jornalista e mestre em Letras pela UFSC, com dissertação sobre a ficção científica brasileira

Festival Grito Rock Floripa / Móveis Coloniais de Acaju / The Neves / Adam e Juliette / Blame / Bonde Vertigem / ExpoGrito / Grito EnCena / UFSC / Green Park



Ecos de Brasília

Grito Rock. Festival independente traz bandas do Distrito Federal junto a grupos locais

Com um single e dois videoclipes lançados em 2012 para a música "Vejo em teu olhar", a banda brasiliense Móveis Coloniais de Acaju se prepara para lançar seu terceiro álbum, "De lá até aqui", no meio deste ano. Por enquanto o público de Florianópolis deve ouvir algumas dessas novas canções no show que eles fazem neste sábado, no festival Grito Rock Floripa, evento mundial que neste ano ocorre em 300 cidades do mundo. Eles dividem o palco com os conterrâneos da The Neves e as bandas locais Adam e Juliette, Blame e Bonde Vertigem. "Como é a primeira vez que a gente vai tocar aí, a gente fica pensando qual é o melhor repertório. Mas eu acho que vai ser uma mistura de tudo", disse o saxofonista Esdras Nogueira em entrevista por telefone ao *Notícias do Dia*. Uma das poucas capitais onde ainda não se apresentaram, eles prometem fazer um show animado para terminar a noite do festival.

BANDAS
Programação

22h - Adam & Juliette
23h - Blame
00h - The Neves
01h - Bonde Vertigem
02h - Móveis Coloniais de Acaju

ENTREVISTA

Esdras Nogueira
saxofonista do Móveis Coloniais de Acaju

Vocês assinam todas as músicas com o nome do grupo. Como é essa dinâmica de composição em grupo?

A gente se tranca no estúdio e fica lá martelando as ideias, curtindo, testando... Tem muito esse negócio do teste. A gente faz todo mundo junto e no final, se agrada os dez a gente acha que vai agradar mais gente também. E como todo processo de composição é subjetivo, às vezes sai rápido e às vezes fica emperrado, e você começa a sofrer. Mas no fim sai. Para esse disco novo a gente fez isso e estamos saindo com 15 músicas.

Do "Idem", em 2005, para cá, mudou muita coisa na forma de vocês trabalharem, ou na sonoridade que buscam?

Eu acho que o principal é o amadurecimento. A gente está ficando mais velho, passa mais tempo junto, se conhece mais. Vamos fazendo junto e fica cada vez melhor. Isso aparece nas composições e na simplicidade.

Os comentários sobre "C_

mpl_te", em 2009, diziam isso: que a banda tinha amadurecido. Mas isso é um pouco subjetivo, não é?

Acho que tem a ver com identidade, firmar ela, se conhecer e trabalhar as músicas a partir disso. E esse disco foi muito assim, baseando no que a gente e no que a gente gosta. Eu acho que o que é importante é ter essa pegada própria, de você escutar os três discos e saber que é a mesma banda.

Vocês não são uma banda que lança um disco depois do outro. Tem algum motivo para tomarem esse tempo entre um trabalho e outro?

Nós temos outros projetos, como o "Adoro Couve" na internet, que são releituras nossas com vídeos, lançamos um DVD depois do "C_mpl_te"... A gente nunca ficou parado nesse meio tempo, mas teve um espaço de quatro anos. Não tem um motivo, só aconteceu. Mas agora queremos lançar esse disco e já começar a pensar em outro trabalho.

The Neves e ExpoGrito

Criada em Brasília em 2009, a banda The Neves tem referências do indie e do folk rock, com influências de bandas e músicos como Radiohead, Coldplay, Muse, Bob Dylan e Beatles. Em fevereiro eles passaram por outros três festivais do Grito Rock, todos no estado de Goiás. E agora fazem parte do line-up do Grito Floripa.

Além dos shows, o evento traz outras atrações, como a ExpoGrito, que reúne obras de artistas e a projeção de curtas-metragens, e o Grito EnCena, com performances de atores da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina). No local será montado também o Camêlo 2.0, que reúne bancas de artistas e coletivos que vendem seus produtos — de desenhos e fanzines a CDs e roupas personalizadas. Realizado na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em anos anteriores, o festival perdeu o apoio da universidade e por isso acontece no Green Park, na Estrada Geral da Joaquina.



- **O quê:** Festival Grito Rock Floripa 2013
- **Quando:** Sábado, 21h
- **Onde:** Green Park, av. prof. Acácio Garibaldi S. Thiago (Geral da Joaquina), 1303, Joaquina, Florianópolis, tel. 3232-4321
- **Quanto:** R\$ 20 antecipado, R\$ 30 na hora

Diário Catarinense – Juliana Wosgraus

“Dever de perpetuar o amor e o respeito”

Psicóloga Telma Lenzi / Associação Instituto Movimento - Assim / Curso de Psicologia da UFSC / Hospital Universitário / Violência doméstica



Juliana Wosgraus



Telma Lenzi é nome de peso em Santa Catarina quando o assunto é psicologia em busca de relações mais saudáveis. Natural de Itajaí, casada, mãe de dois filhos que escolheram a mesma carreira, ela mora em Florianópolis há 35 anos e coordena, desde 2007, as atividades do Instituto Movimento, atendendo pessoas envolvidas em situações de violência e oferecendo formação especializada a psicólogos de todo o Brasil, que se interessam pela visão sistêmica.



A carreira de Telma Lenzi, da primeira turma de Psicologia da UFSC, sempre foi marcada pelo pioneirismo.

Dever de perpetuar o amor e o respeito

Nas palavras da própria Telma, “a visão sistêmica é um olhar mais amplo sobre os fatos. Ou seja, não emergir uma situação com apenas causa e efeito. Todos nós somos responsáveis por impedir que nossa vida se transforme numa barbárie e temos o dever de perpetuar o amor e o respeito, ao invés de maus sentimentos”.

A psicóloga se destaca pela atuação frente à Associação Instituto Movimento, a Assim, que já realizou mais de mil atendimentos a crianças, adolescentes e adultos de famílias de baixa renda. Por esse trabalho, a entidade ganhou diversos prêmios e foi reconhecida como sendo de utilidade pública municipal e estadual.

Como foi sua trajetória até se tornar referência em sua profissão no Estado?

Foi uma questão de contexto e de escolhas que fiz diante das situações vividas. Sempre fui curiosa e atenta às demandas sociais e emocionais. Graduei-me em 1982, na primeira turma de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A questão de ser pioneira traz uma escolha entre não conseguir visualizar um caminho à frente ou ousar.

Você acabou sendo pioneira em muitas ações...

Não sou de esperar, de ter calma. Sempre tive pressa de viver o que está vindo. Em 1983, entrei no Hospital Universitário e montei um serviço diferente, pioneiro e criativo de psicologia na pediatria e que, sem a pretensão de ser, tomou-se referência nacional. Depois, criei o primeiro curso de formação na teoria sistêmica, trazendo profissionais de outros estados e, mais tarde, fundei uma clínica social que, em 2007, se transformou na Assim, uma ONG que presta atendimento gratuito.

O tema violência doméstica ainda é tabu. Como trazer o problema à tona sem prejudicar mais suas vítimas?

Um tabu vem carregado de medo, opressão, culpa e manipulação. Precisamos dissolvê-lo aos poucos para não perpetuarmos o ciclo da violência. A primeira coisa a fazer é não fugir do assunto, não compactuar com as pequenas violências cotidianas. É preciso estudar a questão para entendê-la como um fenômeno social, não como um problema de quem a pratica. Queremos trazer esse entendimento e quebrar crenças populares como a de que "em briga de marido e mulher ninguém mete a colher".

As mulheres sofrem mais com a violência? Qual a explicação?

Mulheres e crianças. A crença social do patriarcado – na qual o homem tem poder sobre a mulher e os filhos – ainda resiste, fazendo com que crimes de defesa da honra aconteçam todos os dias. Por mais que persemos em relações igualitárias e democráticas, na intimidade, no descontrole das emoções, prevalece a lei da dualidade e hierarquia: o mais forte e o mais fraco, o mais rico e o mais pobre etc.

A violência não escolhe classe social. Quando é mais difícil expor e resolver essa situação?

Em qualquer casal ou família envolvidos em relações de violência, a dor é devastadora, e o silêncio, de igual tamanho. Já se sabe o dano emocional e o custo para o tratamento. Até que o assunto venha à tona, muito mal já causou a todos os membros da família. Em qualquer classe social, ele é negado e difícil de expor. Nas classes mais altas, a vítima pode se intimidar pelo preconceito e o risco de escândalos que venham a abalar seu status.

Na visão sistêmica, temos de compreender tanto a posição do agressor quanto a do agredido. Como explicar isso?

A visão sistêmica entende as causas do fenômeno da violência como multifatoriais. Desta forma, precisa ser abordado em diferentes instâncias (policial, jurídica, social, médica e emocional) para obtermos resultados positivos, já que os meios usados até hoje se mostraram ineficientes. Violência é crime e precisa ser contida e punida. Mas como evitá-la? Violência é um padrão aprendido para resolver conflitos. Se aprendemos, podemos reaprender a utilizarmos meios pacíficos para negociações.

Diário Catarinense

Moacir Pereira

“O pioneiro”

Professor Aluisio Blasi / Falecimento do servidor Arthur Silva / Faculdade de Direito / UFSC

O pioneiro

Fundador e primeiro secretário-geral da UFSC, o professor Aluisio Blasi registrou seu pesar pelo falecimento do servidor Arthur Silva, 91 anos. Foi o primeiro da Faculdade de Direito e da Universidade Federal, em 1962. Sempre atento na portaria. Dedicado, trabalhador, conduta exemplar, ajudou na formação de milhares de bacharéis em Direito.

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Literatura padrão”

Livros exigidos para os vestibulares / Vestibular de Inverno da Udesc / Mesmos livros do último Vestibular da UFSC

Literatura padrão

Sobre a nota que publiquei na semana passada, abordando a questão dos livros exigidos dos candidatos aos vestibulares, Cesar Murilo Jacques observa: “O estranho é a total falta de criatividade de quem os selecionou para o vestibular invernal da Udesc, posto que todos eles também foram pedidos para o último vestibular na UFSC. Sei disso pois minha neta fez o vestibular da federal e eu tinha os livros pedidos”.

A Notícia - Portal

“Na Acij – O que foi feito”

Acij / Prefeito Udo Döhler / Ex-Prefeito Carlito Meres / Parque da UFSC

Na Acij

Hoje tem Udo na Acij, pela 2ª vez como prefeito. No outro governo, Carlito foi convidado pela 1ª vez no final de abril de 2009. À época, apresentou os parques e os empresários se concentraram em cinco temas: Parque da UFSC; aeroporto; Dona Francisca; gerenciamento costeiro; Centro e patrimônio histórico.

O que foi feito

O presidente da Acij era Udo. O parque da UFSC não deslanchou – a prioridade é o campus; o aeroporto está andando; a Dona Francisca está na fase do projeto; a lei do patrimônio foi refeita, falta regulamentar; o gerenciamento aguarda a LOT; e a reforma das praças do Centro acabou.

Notícias do Dia - Economia

"Carro novo, tablet e educação"

Brasil / Crescimento econômico / Expansão do consumo / Educação / Qualidade do ensino / Pesquisa nas universidades / Pró-Reitor de Pesquisa da UFSC, Jamil Assereuy / Departamento de Projetos de Pesquisa da UFSC / Elias Machado / Escola particular / Programas de intercâmbio



Esforço. Com a melhora na condição de vida, Robson de Borja e a esposa matricularam Bruno na escola particular

Carro novo, tablet e educação

Consumo. Expansão da economia brasileira eleva a procura pelo conhecimento

DANIEL CARDOSO
Especial para o Notícias do Dia

Desde que o Brasil entrou na esteira do crescimento econômico, o que mais se fala é na capacidade de consumo que a população conquistou. São roupas novas, carros zero quilômetro, tablets

e smartphones sendo vendidos para quem nunca teve condições financeiras de ter tais produtos. Mas o que poucos percebem é o surgimento de um outro benefício muito mais relevante e que não se resume a bens de consumo rápido: a educação.

Em geral, é senso comum afir-

mar que a educação é um dos motores da economia. Agora, o Brasil atravessa um momento em que essa relação se inverteu. A economia forte começa a exigir mais do precário e atrasado sistema educacional.

A visão é confirmada por Wagner Sarnelli, sócio-diretor da Data

Popular, um instituto de pesquisa especializado nos hábitos da nova classe média. De acordo com ele, a classe C encara a educação como prioritária em sua rotina, pois tem a consciência de que reside nos estudos a esperança para melhorar de emprego e conquistar um salário de valor mais alto.

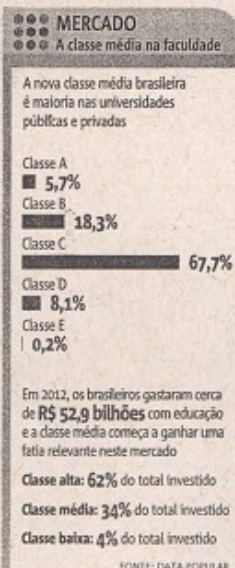
"O aumento da renda média fez as pessoas procurarem novos cursos, seja técnico ou nas faculdades particulares. O que interessa para elas é ter um certificado que garanta oportunidades no mercado de trabalho. Muitos sonham em estudar para só depois comprar um carro", disse Sarnelli.

Qualidade do ensino é problema

De acordo com o pesquisador Wagner Sarnelli, sócio-diretor da Data Popular, a educação está sendo impactada de duas maneiras distintas. A primeira é a procura para melhorar o nível cultural. Nesse caso, vale se matricular em aulas de inglês, espanhol ou de aperfeiçoamento em informática. A segunda maneira é a continuação nos estudos superiores. Como nem sempre a classe C tem acesso a faculdades de qualidade atestada, os profissionais buscam seguir juntos aos livros mesmo após a formatura, matriculando-se em cursos de pós-graduação ou de aperfeiçoamento. A meta é ampliar ganhos e oportunidades no mercado de trabalho.

Esse comportamento de pensar no longo prazo só é possível graças ao pleno emprego vivido pelo país. Com uma renda garantida e estabilidade profissional, ficou mais fácil para as pessoas planejarem o investimento em educação.

"Vale ressaltar, porém, que há uma diferença na qualidade dos serviços de educação das classes A e B para os serviços da classe C. Neste último caso, a qualidade está mais abaixo, pois é um processo recente, em amadurecimento. Teremos que esperar até 2022, pelo menos, para ver os níveis entre as classes sociais se igualarem ou se aproximarem bastante", opinou Sarnelli.



Mais recursos para pesquisas nas universidades

A demanda que o crescimento da economia impõe sobre a qualidade da educação também está trazendo benefícios para a área de pesquisa das universidades. Catapultadas pela Lei de Inovação Tecnológica, de 2005, a iniciativa privada e as instituições de ensino começaram a estreitar os laços e desenvolver parcerias mais produtivas e frequentes. "A capitalização das empresas com o bom momento do país está ajudando a fomentar novas parcerias. Nós temos um portfólio de projetos realizados junto com as empresas que vem crescendo muito, principalmente nos últimos dois ou três anos", afirmou Jamil Assereuy, pró-reitor de pesquisa da UFSC.

Essas parcerias são consideradas uma relação de ganha-ganha. Isso porque os dois lados envolvidos são amplamente beneficiados. Enquanto a empresa ganha pelo acesso ao conhecimento da universidade, a instituição de ensino tem uma gama

de benefícios que vem graças à iniciativa privada. Um exemplo comum é a melhora na infraestrutura. "Outro aspecto importante é o direito de propriedade intelectual. A universidade fica com um percentual da patente ao final da pesquisa. No futuro, poderá receber recursos com o pagamento dos royalties", explicou Elias Machado, diretor do Departamento de Projetos de Pesquisa da UFSC.

A Univali mantém uma parceria com a Eurofarma para desenvolver um novo anti-inflamatório há cerca de uma década. No total, a empresa injetou cerca de R\$ 1 milhão no projeto. O produto começa a entrar na fase final dos testes e deve ser comercializado a partir de 2014 ou 2015. "Entre projetos de parcerias, temos mais de 200 por ano, principalmente nas áreas da saúde e tecnologia. A tendência é que essa relação entre universidade e empresa aumente ainda mais", opinou Valdir Cechinel Filho, pró-reitor de Pesquisa da Univali.

REMÉDIO
Uma das parcerias da Univali, na área farmacêutica, rendeu R\$ 1 milhão para a instituição

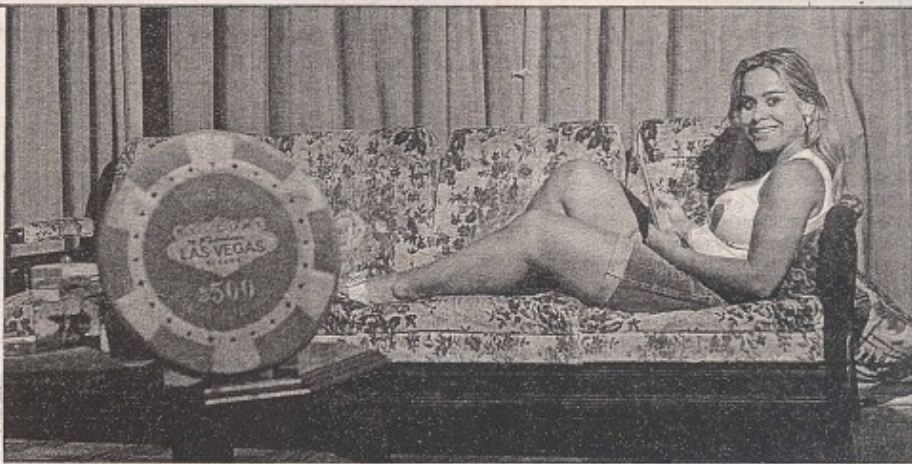
O primeiro filho na escola particular

A família de Robson Luiz de Borja, 42 anos, é um exemplo de como a nova classe média prefere investir mais dinheiro em educação do que na aquisição de bens de consumo. Desde os 15 anos de idade ele trabalha no setor automotivo, mas as coisas começaram a melhorar de verdade há uns sete anos. Nessa época, ele entrou para uma empresa da Grande Florianópolis que vende peças de automóveis por telefone.

Com o aumento da frota de carros no país, Robson pegou carona no bom momento e conseguiu melhorar a renda dele e de toda a família. O dinheiro no bolso, porém, é tratado com muito cuidado e a educação é prioridade. Junto com a esposa Marlène, decidiram colocar o filho mais novo, Bruno, de 10 anos, em uma escola particular. É a primeira pessoa da família a ter essa oportunidade. "A qualidade é melhor. Nas escolas públicas vemos os pais reclamarem muito da falta de professores, greves e condições de infraestrutura ruins. Na escola particular essas coisas não acontecem e o aluno pode aprender melhor", opinou Robson.

Manter o filho na escola particular, porém, não é nada fácil. A mensalidade custa cerca de R\$ 500 por mês e tem ainda as apostilas e a van, que sai por R\$ 170. "Sabemos que vale a pena, mas é muito pesado para o nosso orçamento. Não podemos garantir que ele ficará sempre na escola particular. Minha ideia é procurar uma pública que tenha qualidade", disse.

Inglês. Renata economizou nove meses para poder participar de um programa de intercâmbio



DANIEL OLIVEIRA/INFLU

●●● PESQUISA

●●● Mais recursos para as universidades

Crescimento de parcerias para pesquisa e inovação na UFSC

Cerca de 65% são firmados com empresas privadas ou de capital misto

Ano	Contrato	Convênio
2010	20	45
2011	105	84
2012	681	102

Crescimento do registro de patentes de programas de computador da UFSC, junto ao INPI

2008	8
2009	2
2010	4
2011	11
2012	18

FONTE: UFSC

Indústria investe mais em educação e capacitação

2009-2011	R\$ 129 milhões
2012-2014	R\$ 230 milhões

FONTE: SENAI

Economia para fazer intercâmbio

A filha mais velha da família Borja, Renata, de 23 anos, também se beneficiou da expansão da economia brasileira, mas seguiu um caminho alternativo. Em 2011, ainda estudante de biblioteconomia, queria aprender a falar inglês fluentemente. Resolveu investir alto para concretizar o sonho. Trocou um estágio por outro com uma remuneração melhor, pegou uma bolsa como monitora na universidade e ainda realizou trabalhos esporádicos como pesquisadora.

"Não fazia mais nada e abri mão da minha diversão. Todo meu dinheiro ia para guardar para a viagem, para o passe de ônibus e para alimentação. Nada mais. Consegui juntar uns R\$ 9 mil em

nove meses", lembra.

O dinheiro ajudou a pagar as despesas para entrar num programa de Work Experience (quando o intercambista trabalha em outro país e recebe uma remuneração). Junto com o namorado, que também poupou um bom dinheiro, foram trabalhar por três meses em um restaurante na Dakota do Norte, tradicional estado americano.

"Depois de melhorar no inglês, aproveitamos que nos Estados Unidos os produtos são mais baratos e gastamos com iPhone, roupas e outras coisas que sempre gostaríamos de ter", conta.

Hoje, Renata trabalha em uma agência de intercâmbio e sempre recorre ao inglês para realizar suas tarefas de rotina.

Diário Catarinense Geral

“Ameaça de extinção: UFSC pesquisa sapinho guerreiro”

Pesquisadores da UFSC / *Pseudopaludicola Canga* / Carajás / Pará / Departamento de Ecologia Zoologia da UFSC / Professor Selvino Neckel de Oliveira / Programa de Pós-Graduação em Ecologia / Curso Graduação em Biologia / Espécie ameaçada de extinção / União Internacional para a Conservação da Natureza

AMEAÇA DE EXTINÇÃO UFSC pesquisa sapinho guerreiro

Estudo no Pará revela os hábitos de um dos menores anfíbios brasileiros, que é menor do que uma unha e vive em área restrita

Não se deixe enganar pelo tamanho. Em apenas 16 milímetros se esconde um sapo muito especial que ganhou a atenção de pesquisadores da UFSC. O pequeno *Pseudopaludicola canga* é um dos menores anfíbios documentados pela ciência brasileira e vive exclusivamente em uma região rochosa, rica em minério de ferro, em Carajás, no Pará.

Uma equipe coordenada pelo professor do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC Selvino Neckel de Oliveira viajou até a região para estudar o animal. Duas alunas do Programa de Pós-graduação em Ecologia e dois alunos da graduação em Biologia passaram 40 dias divididos em duas expedições observando a reprodução, os hábitos alimentares e o canto do minúsculo sapo.

– É um sapinho guerreiro. Adaptou-se muito bem a um ambiente extremo, com pouca água e sobre rochas quentes, conseguindo se reproduzir e ter uma população grande neste local – conta Oliveira.

O canga tem hábitos diferentes de outros anfíbios e se reproduz de dia. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência, pois o ambiente onde é encontrado, conhecido como savana, é caracterizado pela predominância de rochas, vegetação aberta e baixa. Por isso, o sapinho aproveita a água da chuva que se acumula entre as rochas para se reproduzir.

Com coloração amarronzada, o macho canta para atrair a fêmea, que é maior. Os girinos nascem de dois a três dias depois. Apesar do tamanho, esse sapo se alimenta de pequenos insetos, como besouros, aranhas e moscas, e seus principais predadores são serpentes e aves.

Ainda não foi possível precisar o tempo de vida médio do canga, mas se estima que seja entre um e dois anos na natureza.

Tudo o que vem sendo pesquisado será convertido em artigo científico, que no mês que vem deve ser enviado para publicação em revista especializada. Este é o primeiro estudo realizado sobre a espécie, descrita pela comunidade científica em 2005.



OP/STEFANIE VARELLA DE TEIXEIRA/AGÊNCIA

Ficha técnica

O *Pseudopaludicola canga* faz parte da lista de espécies ameaçadas de extinção da União Internacional para a Conservação da Natureza. Ele aparece na categoria “deficiente de dados” e “em perigo”. Isso se deve ao fato de o animal viver em um espaço restrito.

- **Nome científico:** *Pseudopaludicola canga*
- **Tamanho:** as fêmeas chegam a 18mm, e os machos têm em média 16mm. O menor anfíbio brasileiro encontrado até hoje é o sapo pulga, que tem em média 10mm.
- **Cor:** marrom.
- **Onde vive:** ambiente conhecido como savana, caracterizado pelo calor, por rochas ricas em ferro e cobertas por vegetação aberta e baixa, na região da Serra de Carajás, no Pará.
- **Tempo médio de vida:** entre um e dois anos na natureza.
- **Alimentação:** pequenos insetos, como besouros, aranhas e moscas.
- **Predadores:** serpentes e aves.

Espécie é marrom, vive em rochas e macho é menor do que a fêmea

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Clipping dia 04/03/13

[Ayezo Campos](#)

[MPF garante na Justiça que Ufsc não cobre taxas em cursos de pós-graduação lato sensu](#)

[Ufsc promove concurso público para professor com 205 vagas](#)

[UFSC pesquisa sapinho ameaçado de extinção](#)